

AVANT-PREMIÈRE

Memorabilia

Instrumentos, objetos, letras e textos inéditos de Renato Russo (1960-1996) estão sendo catalogados pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo para uma exposição no local em 2017. O acervo foi retirado do apartamento do cantor, em Ipanema, que era mantido como ele deixou desde a sua morte. “O Giuliano [Manfredini] ainda não havia tido coragem de mexer em nada”, afirma André Sturm, diretor-executivo do MIS sobre o filho do músico, idealizador da mostra. “Pegamos tudo: fotos, caixas, as batas brancas que usava nos shows e muito material escrito que permitirá ao visitante perceber o seu processo criativo.”

20 anos sem Renato

A exposição faz parte de um conjunto de ações para lembrar os 20 anos da morte de Renato Russo. “Estão previstos o lançamento de livros com material inédito, um ‘box’ com seus discos solo e o retorno da peça ‘Renato Russo’, com Bruce Gomlevsky”, diz Ronaldo Pereira, diretor da Legião Urbana Produções. Há ainda o filme “Eduardo e Mônica”, baseado na canção homônima e dirigido por René Sampaio (“Faroeste Caboclo”).

Novo paradigma

Com a presença dos gestores de instituições como Masp, Pinacoteca e Osesp, foi realizado, na semana passada, o primeiro Fórum Internacional de Endowments Culturais. No modelo discutido — fundos patrimoniais permanentes,

utilizados nos EUA e na Europa —, um determinado volume de recursos, cerca de dez vezes superior aos custos anuais da instituição, é captado por meio de doações e mantidos como reserva. A intenção é não depender de leis de incentivo e de patrocínios pontuais.

Curto prazo

Organizador do fórum e ex-diretor de negócios da Orquestra Sinfônica Brasileira, Ricardo Levisky diz que se trata de uma drástica mudança nos padrões brasileiros. “A orquestra é bom exemplo: podia ter constituído seu ‘endowment’, mas não está no radar das instituições o planejamento a longo prazo.” À frente da captação de recursos do Museu Judaico, do Teatro Municipal de São Paulo e do Museu de Arte do Rio, Levisky busca, aos poucos, implementar o modelo.

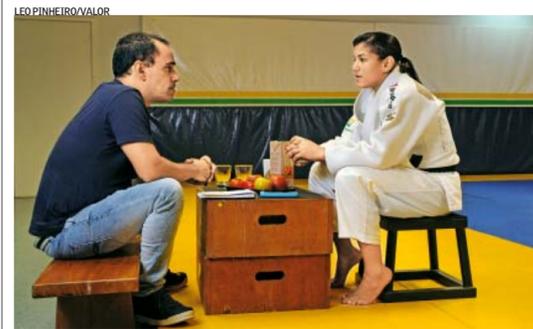
Raízes da fotografia

Curadores de fotografia de instituições da Europa e dos EUA, como Metropolitan, Georges Pompidou e International Center of Photography, participaram de conversas com o público na 10ª edição da SP-Arte/Foto, neste mês. A feira terá uma exposição com cerca de 30 obras de pioneiros da fotografia modernista brasileira, como José Yalenti, Paulo Pires e Ademar Manarini. “São as raízes da foto nacional. O MoMa acaba de adquirir 28 trabalhos desses fotógrafos”, diz Fernanda Feitosa, diretora do evento.

João Bernardo Caldeira, para o Valor ■



EU&Destaques



À Mesa com o Valor Judoca Sarah Menezes conta a Tom Cardoso quais são os desafios e a técnica para conquistar o bicampeonato olímpico. Pág. 14

Reportagem de capa Atletas brasileiros que trouxeram medalhas olímpicas para casa revelam as dores e as delícias de suas conquistas. Texto de Maurício Oliveira. Fotografia da capa de Sílvia Zamboni. Pág. 4

Res Pública Escola sem Partido é uma proposta ideologizada e baseada em concepção conservadora da sociedade, diz Fernando Abrucio. Pág. 12

Vinho Jorge Lucki escreve sobre o movimento de oposição às bebidas globalizadas. Pág. 19

Artigo Se há incertezas quanto ao país que sedia a Olimpíada, certamente há incertezas ainda maiores quanto ao futuro mundial, escreve Kenneth Maxwell. Pág. 20

Sociedade Cinco estrangeiros que estabeleceram relação próxima com o Brasil contam qual é a imagem que possuem do país. Pág. 22

Artes plásticas Artista japonesa Mariko Mori inaugura no Brasil “Ring”, obra que remete à aliança entre homem e natureza e ao símbolo da Olimpíada. Pág. 24

Ideias “Raízes do Brasil”, clássico de Sérgio Buarque de Holanda que passou por cinco versões, completa 80 anos e ganha edição crítica. Pág. 26

Festival Matthew Shipp, Robert Glasper e Wallace Roney tocam em evento de jazz no Sesc Pompeia, em SP. Pág. 30

Outros Escritos Precisamos repensar o fazer, fora do fluxo da “produção”, diz Tatiana Salem Levy. Pág. 34

É Tudo Verdade O colunista Amir Labaki está em férias

ALTA DEFINIÇÃO

Uma prisioneira da esperança

Mary Robinson, ex-presidente da Irlanda, advoga pela justiça climática. Por **Celia Roseblum**, de São Paulo

Em suas palestras, Mary Robinson conta que começou a se interessar cedo pela questão dos direitos humanos. Única filha em uma família católica, com dois irmãos mais velhos e dois mais novos, a mulher que se tornou a primeira presidente da Irlanda, em 1990, brinca que teve poucas alternativas a não ser aprender a defender sua própria integridade. Em 1997 assumiu o posto de alta comissária das Nações Unidas para Direitos Humanos, causa que a move. Hoje está à frente da Fundação Mary Robinson-Justiça Climática, voltada a pessoas em situações de risco, e é enviada especial da ONU para mudanças climáticas. Mary Robinson, 72 anos, veio ao Brasil a convite do Fronteiras do Pensamento e do Centro Ruth Cardoso no fim de julho. Abaixo, trechos da entrevista que concedeu ao Valor:

Valor: Por que as mudanças climáticas são uma questão de direitos humanos?

Mary Robinson: Porque estão corroendo uma série de direitos, particularmente os sociais. Direito à alimentação, à água. E também estão corroendo a saúde, tirando as pessoas de seus lugares. Existe uma grande injustiça nas mudanças climáticas porque afetam comunidades pobres e países pobres que não são responsáveis pelas emissões de gases.

Valor: Por que o maior impacto sobre as pessoas pobres não ganha evidência?

Mary Robinson: Acho que as pessoas não têm uma compreensão completa em relação a isso. E também não se sentem suficientemente responsáveis. Temos que trazer à luz a injustiça da mudança climática e torná-la mais visível.

Valor: Mas há ainda uma certa desconfiança em torno da questão climática...

Mary Robinson: De certa forma acho que vimos um tanto de confiança no ano passado, na forma como nos preparamos para o Acordo Climático de Paris. É muito significativo que 194 países tenham chegado a um acordo mais justo para o clima. É um sinal de que existe realmente uma preocupação compartilhada.



Mary Robinson: em 2050 poderão existir até 200 milhões de refugiados do clima

Valor: E o aspecto financeiro? Nem todos concordam em financiar as mudanças necessárias.

Mary Robinson: Precisamos ver as finanças climáticas como uma forma de deixar o mundo mais seguro para todos, fornecendo tecnologia e investimentos aos países em desenvolvimento para uma transição bem rápida para a energia renovável.

Valor: Como isso pode ocorrer em um momento de turbulências políticas e econômicas como o atual?

Mary Robinson: É um período difícil, mas tem ocorrido bons acordos, inclusive bilaterais. E também vemos alguns líderes empresariais bastante focados em assegurar que façamos a transição para uma economia verde. Acho que 2015 foi extraordinário em uma época em que as pessoas não confiam nos governos etc. Chegamos a importantes agendas globais. Agora precisamos implementá-las.

Valor: Governos e líderes empresariais parecem muitas vezes mais interessados no aspecto econômico. Como incluir as pessoas nas soluções?

Mary Robinson: Foi por isso que criei minha fundação, que é voltada à justiça climática. Precisamos colocar as pes-

soas no centro de todas as ações relacionadas ao clima, ou iremos cometer erros. Por exemplo, em 2007, 2008, havia um grande movimento para transformar o milho em etanol nos Estados Unidos. Isso fez com que os preços de alimentos subissem e foi muito ruim para as comunidades pobres. Tenho ouvido cada vez mais sobre grandes projetos, grandes hidrelétricas, florestamento que tentam ser positivos para o clima, mas não são bons para os pequenos proprietários de terra, atropelam os direitos dos povos indígenas, das pessoas pobres. Isso não é aceitável.

Valor: Como a senhora vê os direitos humanos atualmente?

Mary Robinson: É difícil responder globalmente. Há uma preocupação com o que é descrito como o fechamento de espaço para ação da sociedade civil. Em outras palavras, é mais difícil para a sociedade civil ser influente. A chamada guerra contra o terror tem feito até protestos legítimos serem caracterizados como terrorismo. E há uma grande movimento para proibir ou reduzir a ação das ONGs. Muitos países estão suspendendo o financiamento externo para as organizações não governamentais. E se não conse-

guem recursos do exterior é muito mais difícil para elas financiarem suas atividades que são responsabilizar os governos pela garantia de direitos humanos... É um grande problema, há muitos mais.

Valor: Quais seriam?

Mary Robinson: Estamos vendo um grande o crescimento da xenofobia, o crescimento da onda anti-imigração, até do racismo e do discurso de ódio. Estamos vendo o Brexit na Inglaterra e depois do Brexit veremos isso na Europa, porque os imigrantes e refugiados estão vindo para a Europa.

Valor: As mudanças climáticas podem gerar refugiados do clima...

Mary Robinson: Tenho certeza de que veremos o clima como fator de deslocamento das pessoas por que estão sofrendo com secas severas, inundações severas. Há estimativas de que em 2050 poderemos ter algo entre 50 milhões a 200 milhões de refugiados do clima. Nem podemos chamá-los de refugiados porque eles não têm esse status.

Valor: Como a senhora vê a atual situação?

Mary Robinson: Falamos sobre direitos humanos e sobre problemas do clima e isso pode ser deprimente. Esses problemas são muito sérios. Acredito que existem duas formas de olhar para isso. Um é ver o quanto isso é ruim e descrever o quanto isso é ruim. E tudo fica muito negativo, não há energia, não há oxigênio para fazer nada. O outro é ver que a situação é difícil, mas que há pessoas corajosas lutando contra isso e que podemos tentar ajudá-los. Eu sempre pego emprestada uma expressão do meu amigo arcebispo Desmond Tutu. Estivemos em um painel em Nova York, há alguns anos, com pessoas jovens, e ele fica muito entusiasmado quando está com jovens. Havia lá uma jornalista que, de forma até um pouco ríspida, perguntou a ele como se mantinha otimista. E ele respondeu: “Minha cara, não sou um otimista, sou um prisioneiro da esperança”. Isso foi profundamente importante para mim. Você precisa ter esperança, que é a energia para fazer mudanças. ■